

JULIETA DE GODOY LADEIRA E DYONÉLIO MACHADO: CORRESPONDÊNCIA

Julieta de Godoy Ladeira and Dyonélio Machado: Correspondence

Carlos Alexandre Baumgarten
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS)
baumg@mikrus.com.br

RESUMO

O presente artigo ocupa-se do exame de parte da correspondência enviada por Julieta de Godoy Ladeira ao escritor gaúcho Dyonélio Machado, no período compreendido entre os anos de 1978 e 1982. Tal correspondência integra o acervo do romancista existente no DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. A análise da referida correspondência permitiu que se tivesse acesso ao pensamento e ao modo como a escritora paulista, através de suas cartas, cartões e bilhetes, pensava a literatura e a vida literária como um todo, aspecto que revela a importância dos acervos deixados pelos escritores como fonte de pesquisa para a área de Letras.

PALAVRAS-CHAVE: correspondência; Julieta de Godoy Ladeira; Dyonélio Machado.

ABSTRACT

The present article examines part of the correspondence sent by Julieta de Godoy Ladeira to the Rio Grande do Sul writer Dyonélio Machado, in the period between 1978 and 1982. Such correspondence has been part of the collection of the existing novelist in DELFOS – Place for Documentation and Cultural Memory, of the Pontifical Catholic University of Rio Grande do Sul. The analysis of this correspondence enabled access to the thought and way the writer from São Paulo, through her letters, cards and notes thought of literature and literary life as a whole, an aspect that reveals the importance of the collections left by the writers as research source for the Letters area.

KEYWORDS: correspondence; Julieta de Godoy Ladeira; Dyonélio Machado.

O DELFOS – Espaço de Documentação e Memória Cultural, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, reúne uma série de acervos de escritores, jornalistas, historiadores e intelectuais, notadamente gaúchos. Tais acervos são constituídos por manuscritos, memória iconográfica, correspondência, entre outros materiais. Este é o caso do acervo do médico e escritor sul-rio-grandense Dyonélio Machado, cuja correspondência encontra-se, hoje, catalogada e à disposição dos pesquisadores. O presente trabalho vale-se de parte da correspondência do romancista gaúcho, particularmente das cartas a ele endereçadas por Julieta de Godoy Ladeira. Entre cartas manuscritas e/ou datilografadas, pequenos cartões e bilhetes, de autoria de Julieta, contabilizam-se trinta e seis itens, dos quais apenas treze são objeto de exame a seguir, uma vez que os restantes contêm informações de caráter puramente pessoal e íntimo.

Em primeiro lugar, contudo, entendemos ser necessário fazermos uma breve apresentação de Julieta de Godoy Ladeira, pelo fato de sua obra encontrar-se, via de regra, fora dos cursos de Letras e, também, não ter alcançado um maior interesse por parte da crítica e das histórias da literatura brasileira que, em sua quase totalidade, não exibem sequer uma breve nota sobre a atividade intelectual e sobre a produção ficcional da autora. Esposa de Osman Lins, professor, crítico e ficcionista festejado pela crítica brasileira, notadamente no período compreendido entre os anos 60 e 90 do século passado, Julieta de Godoy Ladeira viveu praticamente à sombra do marido. A despeito dessa condição, exerceu intensa atividade intelectual, seja como publicitária, seja como autora de textos de ficção. Nesse sentido, deu aulas na Escola Superior de Propaganda e Marketing

de São Paulo, sendo de sua autoria, na referida área, o livro *Criação de propaganda*. Na condição de escritora, é autora de romances, contos, literatura infantil e, ao lado do esposo, participou do projeto *Missa do galo: variações sobre o mesmo tema* (1977), que propunha a reescrita do conhecido conto machadiano por um conjunto de escritores brasileiros, dentre os quais se encontram Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Autran Dourado, Antônio Calado, além do próprio Osman Lins e de Julieta de Godoy Ladeira. Junto com Osman Lins publicou também a narrativa de viagem *La Paz existe?*, no ano de 1977. No âmbito de sua prosa de ficção, cabe destacar o livro de contos *Passe as férias em Nassau*, que foi contemplado com o Prêmio Jabuti como autor revelação, prêmio dividido com *Malagueta, perus e bacanaço*, de João Antônio. No plano de sua produção voltada para o público infanto-juvenil, é importante ressaltar a relevância concedida a temas vinculados aos problemas de natureza ecológica e à cidadania.

Teria sido interessante consultar igualmente a correspondência de Dyonélio Machado a Julieta de Godoy Ladeira. Contudo, consultado o acervo da autora, sediado no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB) da Universidade de São Paulo (USP), nada foi encontrado nesse sentido, pelo menos no acervo já catalogado da autora. A despeito disso, sua trajetória, como escritora e intelectual atuante na segunda metade do século passado, justifica plenamente que se examine a correspondência que dirigiu a Dyonélio Machado.

Segundo Foucault, “a carta enviada actua, em virtude do próprio gesto da escrita, sobre aquele que a envia, assim como actua, pela leitura e releitura, sobre aquele que a recebe” (FOUCAULT, 1992, p. 145). Assim, essa natureza da correspondência a aproxima do que o mesmo autor chama de *hypomnemata*¹. A carta, contudo, não deve ser vista como um mero prolongamento dos *hypomnemata*, já que, diferentemente deles, a correspondência caracteriza-se pelo fato de o autor da missiva manifestar, simultaneamente, a si próprio e aos outros. Em outras palavras, “a carta faz o escritor ‘presente’ àquele a quem a dirige” (FOUCAULT, 1992, p. 149), como poderá ser observado na correspondência enviada por Julieta de Godoy Ladeira a Dyonélio Machado.

Num primeiro momento, é importante anotar que grande parte das cartas, bilhetes e cartões enviados pela autora são de cunho puramente pessoal, no sentido de que registram mazelas de sua vida cotidiana, como problemas de saúde por ela enfrentados, a visita que fez ao escritor e sua estada no Rio Grande do Sul, a doença enfrentada por Osman Lins, causa de seu falecimento em 1978. Optamos, assim, por examinar apenas aqueles documentos que trazem informações diretamente vinculadas à literatura e à vida literária brasileira.

O conjunto de documentos constante do acervo de Dyonélio Machado, ou seja, as cartas, os bilhetes, os cartões, foram escritos e enviados entre os anos de 1978 e 1982. Tais documentos, ora manuscritos, ora datilografados, raramente são datados. Por essa razão, valemo-nos aqui, em grande parte, das datas de postagem do correio, presentes nos envelopes que acompanham os itens catalogados. A primeira carta, com data de 3 de março de 1978, é, dentre todas, a mais extensa. Nela, Julieta refere-se, num primeiro momento, à vida atarefada que leva junto à sua agência de publicidade, e manifesta-se, também, a uma nova edição de *O fiel e a pedra*, de Osman Lins, nos seguintes termos:

Tenho trabalhado muito na agência, em literatura, e agora vai sair outra edição de um romance de Osman, *O fiel e a pedra*, assim andei revisando provas, preparando umas notas que vão sair com o livro etc. Foi por causa desse livro que eu e Osman nos conhecemos. Ele sempre dizia que tudo para ele acontecia através da literatura. Era mesmo. A literatura também foi que nos aproximou.

¹ Tecnicamente, “os *hypomnemata* podiam ser livros de contabilidade, registros notariais, cadernos pessoais que serviam de agenda. O seu uso como livro de vida, guia de conduta, parece ter-se tornado coisa corrente entre um público cultivado” (FOUCAULT, 1992, p. 134-135). Nesse âmbito, contudo, Foucault inclui a correspondência, especialmente através do exame que desenvolve a respeito das cartas de Sêneca.

A leitura da transcrição anterior revela, de um lado, o quanto a absorvia o trabalho na agência de publicidade de sua propriedade, aspecto responsável, talvez, pelo pouco tempo de que dispunha para dedicar-se à produção ficcional; de outro, mostra a relação bastante próxima que mantinha com Dyonélio Machado, uma vez que faz referência a questões de ordem puramente pessoal, que envolvem seu primeiro contato com Osman Lins. Revela, ainda, o lugar e a importância que a literatura ocupava na vida de seu esposo.

Na mesma correspondência, agradece a Dyonélio pelo romance *O louco do Cati*, sobre o qual registra uma avaliação extremamente positiva:

Por falar em romance, quero agradecer ao senhor o prazer de estar lendo *O louco do Cati*. Minhas noites, com essa leitura, têm sido muito agradáveis. Sim, é um livro muito triste, o louco do Cati uma personagem tão indefesa, tão solitário, tão perdido em seus pensamentos – mas como toda grande obra de arte, o livro tem muito senso de humor, tudo na dose tão certa, e as suas páginas transmitem tanta vivacidade e tensão – realmente esse é um grande romance e estou com pena de terminá-lo, embora não queira parar de lê-lo.

A carta se encerra com outro registro bastante significativo, uma vez que traça um diagnóstico nada alentador a respeito da produção de um escritor de sua geração, o contista João Antônio. Tal diagnóstico está vinculado ao recebimento de artigo de João Antônio sobre Osman Lins, que lhe fora enviado por Dyonélio Machado. Ironicamente, João Antônio ocupa, hoje, no plano da crítica e historiografia literária brasileira, um lugar de destaque que a obra de Julieta de Godoy Ladeira ainda não alcançou:

Agradeço o artigo que enviou, onde o autor fala em Osman. O autor é João Antônio, eu o conheço, estreou na mesma época que eu e começou as lides literárias concorrendo no mesmo concurso que eu, ambos fomos premiados. João Antônio hoje mora no Rio. Seu livro de estreia foi muito bom: *Malagueta, perus e bacanaço*. Nunca mais escreveu nada no mesmo nível. Foi jornalista durante muito tempo. Hoje não sei no que está trabalhando.

A transcrição revela, além disso, um desconhecimento por parte de Godoy Ladeira a respeito da continuidade da produção de João Antônio que, à época da escrita da correspondência, já havia publicado *Leão de chácara* (1975), que recebera o Prêmio Nacional de Contos do Paraná e Prêmio Ficção da Associação de Críticos de Arte de São Paulo, *Malhação do Judas carioca* (1975), *Casa de loucos* (1976), todos livros de contos, além do romance *Calvário e porres do pingente Afonso Henriques de Lima Barreto* (1977). Por outro lado, João Antônio continuava suas atividades como jornalista, participando de inúmeros jornais e revistas, como o *Jornal do Brasil*, *Pasquim*, *Última Hora*, *Cláudia*, *Manchete*, entre outros.

Em breve cartão, com data de 26 de junho de 1978, registra os últimos momentos de Osman Lins em sua luta contra a doença, e registra que começará a leitura de *Os deuses econômicos*, “de quem Osman tanto gostou”.

Em correspondência com data de 21 de outubro de 1978, faz referência a *Deuses econômicos*, romance publicado por Dyonélio no ano de 1966 e que dá início à chamada trilogia da liberdade, composta, também, por *Prodígios* (1980) e *Sol subterrâneo* (1981). Sobre o romance, afirma Godoy Ladeira: “Achei-o um romance excepcional, fora de tudo o que tem sido feito, uma obra de fato muito rica e enriquecedora de nossa literatura”. Na mesma correspondência faz menção à possibilidade de realização de uma entrevista com o autor, a ser publicada no “Suplemento do *Correio do Povo*”, leia-se “Caderno de Sábado”, com divulgação prevista ainda para o segundo semestre do mesmo ano.

Contudo, em carta de 19 de agosto de 1979, sabemos que a referida entrevista ainda não fora

realizada, já que volta a falar sobre o assunto. Nessa segunda correspondência, encontramos outra informação relevante no que diz respeito à rede de relações que se estabelece entre Julieta de Godoy Ladeira e escritores em atividade no Rio Grande do Sul, como é o caso de Patrícia Bins, romancista carioca de nascimento, mas cuja vida literária desenvolveu-se toda em Porto Alegre. Nessa carta, somos informados que a entrevista com Dyonélio Machado a ser realizada por Julieta de Godoy Ladeira fora um pedido a ela endereçado por Patrícia Bins, sobre quem afirma ser “uma pessoa muito inteligente, uma natureza delicada e amiga. Criatura de grande sensibilidade”.

Em novembro de 1979, Julieta encaminha a Dyonélio Machado um breve cartão em que agradece o envio por parte do romancista gaúcho de recorte do *Correio do Povo*, jornal de Porto Alegre, que noticia o lançamento de *Evangelho da taba: problemas inculturais brasileiros II*, livro de Osman Lins, composto por artigos, ensaios e entrevistas, com apresentação de Godoy Ladeira. Assim, afirma: “Muito grata pelo recorte do *Correio do Povo* com a notícia de *Evangelho da taba*. O livro está sendo enviado para aí. [...] O *Evangelho da taba* está obtendo boa receptividade”. Conforme a correspondência vai se firmando, percebemos que o relacionamento entre os dois deriva de uma amizade estreita existente entre Dyonélio Machado e Osman Lins, a ponto de o casal passar alguns dias hospedado na casa do romancista gaúcho.

A despeito disso, após a morte de Osman Lins, a amizade e o contato entre Godoy Ladeira e Dyonélio têm continuidade. Nesse sentido, em carta de 8 de abril de 1980, já viúva, Julieta de Godoy Ladeira refere-se à publicação norte-americana de *Avalovara* e lamenta Osman Lins não estar vivo para vê-la, pois “está muito bonita. Parece um livro de artes plásticas. Osman gostaria imensamente de vê-lo”.

No mesmo ano, em correspondência de 21 de julho, acusa o recebimento de carta de Dyonélio Machado e agradece as notas sobre *Endiabrados*, romance publicado pelo autor em 1980. Sobre o romance afirma: “livro que achei de grande força, sensibilidade, emoção, tudo. Já o reli de novo. É tão claro, tão direto. E atinge tanto”. E conclui, indo além, ao formular um conceito de arte: “Sim, os mitos tomam forma e a forma perpetua objetos e pessoas. Não conheço outra definição melhor para a própria arte”.

Em carta de 18 de outubro de 1980, encontramos um conjunto de informações, que são extremamente significativas, uma vez que revelam como Godoy Ladeira via a produção literária portuguesa de então e, também, a brasileira.

Tenho lido alguns romances portugueses de autores jovens, romances de após a revolução de 5 de abril. Muito bons, excelentes mesmo. Eu achava a literatura lusa, fora poucas exceções, tão pesadona. Estou com melhor impressão. Quanto a *Prodígios* – achei-o tão bom – me deu vontade de abrir as janelas e soltar fogos de artifício, uma festa de luz, em sua homenagem. Hoje somos muito pobres em nossas manifestações.

Como podemos ver na citação transcrita, temos a elaboração de um diagnóstico que se estabelece por contraste, pois enquanto os novos romancistas portugueses, em atividade pós-Revolução dos Cravos, se revelam “muito bons, excelentes mesmo”, a literatura brasileira atravessa uma má fase, já que “hoje somos muito pobres em nossas manifestações”. No meio disso tudo, insere-se o elogio e o entusiasmo com o romance *Prodígios*, de Dyonélio Machado. Assim, resta pensarmos que no âmbito da pobreza de nossas manifestações, salva-se pelo menos a obra do romancista gaúcho. Mais do que isso, é importante registramos o caráter, até certo ponto premonitório, do registro da autora a respeito dos autores portugueses pós-Revolução dos Cravos, haja vista o Prêmio Nobel conferido a José Saramago e o grande prestígio que vem sendo alcançado por ficcionistas portugueses contemporâneos, como Valter Hugo Mãe, António Lobo Antunes, Dulce Maria Cardoso, entre outros.

No ano de 1981, em carta datada de 17 de setembro, Julieta de Godoy Ladeira cumprimenta Dyonélio Machado pelo Prêmio Jabuti alcançado pelo romance *Endiabrados*. Ao cumprimentar o

escritor gaúcho, Godoy Ladeira não deixa de referir o fato de já o haver recebido anteriormente. Nesse sentido, afirma: “Fiquei muito contente com o Jabuti conquistado por *Endiabrados*. Parabéns! Vamos ser colegas de Jabuti – o meu apareceu em 1962 – se não me engano”. Sabemos, também, através da correspondência, que Dyonélio Machado não compareceu à cerimônia de entrega do prêmio, sendo nela representado por Godoy Ladeira, que registra ter sido o mesmo bastante aplaudido pelos presentes no momento que seu nome foi citado como o vencedor do prêmio concedido naquele ano. Tal registro se fez nos seguintes termos:

Seu prêmio está aqui, honrando esta casa. Estou numa fase de muito trabalho, diversas coisas muito diferentes tendo de ser feitas – mas assim que puder irei levá-lo pessoalmente. A cerimônia para a entrega do prêmio foi bem organizada, havia muita gente, seu nome foi muito aplaudido, senti uma grande emoção em receber o prêmio e pena por você não estar presente pois sempre, para o escritor, não são muitos os momentos de glória junto ao público.

Mil novecentos e oitenta e dois é o último ano em que há registro da correspondência enviada por Julieta de Godoy Ladeira a Dyonélio Machado. Desse ano, interessam três cartas. A primeira, datada de 15 de fevereiro, traça um significativo diagnóstico a respeito dos revisores a serviço das editoras e, igualmente, sobre o trabalho realizado pelos tradutores. Nesse sentido, com relação aos primeiros (os revisores), afirma:

Recebi sua carta e a relação de erros de *Sol subterrâneo*. Isso me comoveu. Porque o escritor passa a vida fazendo isso. E o problema sempre se repete. Creio que os revisores têm pouca leitura e estão muito viciados com um vocabulário pobre, qualquer coisa menos habitual, pronto. Não percebem, não entendem mais nada e corrigem pela expressão mais comum. Mas quando o livro é bom, como o seu, o texto se salva de tudo.

À incapacidade dos revisores de realizarem um trabalho de qualidade soma-se ao despreparo de alguns tradutores. Por isso, em sequência, afirma:

Lembro-me da raiva de Osman quando lia a tradução espanhola de *Avalovara*, onde foram cometidos muitos erros. Mandou fazer cópias da *errata* que preparou e enviou para a editora espanhola. Aliás, foi a única tradução malfeita até agora. As demais têm certas deficiências, mas são bem cuidadas.

A segunda carta do ano de 1982 tem por data o dia 27 de março. Nela, Julieta faz referência à correspondência enviada por Dyonélio Machado e agradece o encaminhamento de um exemplar de *Nuanças*, romance publicado pelo autor no ano anterior, e, também, de um trecho de *Movimento perpétuo*. Sobre ambos, afirma:

Gracias pela carta e pelo livro (*Nuanças*) e pelo trecho de *Movimento perpétuo*. O livro saiu muito bem editado e creio que venderá bem. Estou lendo-o. Tanto *Nuanças* como *Movimento perpétuo* têm a força de seu estilo e transmitem sua maneira profundamente inteligente de ver o mundo, de estar no mundo – com respeito pela vida e ironia – ou melhor, humor. De que outro modo viver?

A leitura do trecho referido mostra que a autora da carta, apesar de ainda não ter lido as obras recebidas, apenas ter iniciado a leitura de uma delas, não se furta em formular um juízo sobre ambas. Tal juízo, de caráter bastante genérico, bem poderia ser aplicado ao conjunto da obra de Dyonélio Machado. Nessa perspectiva, a avaliação constante da transcrição caracteriza-se muito mais como uma atitude cordial em relação ao amigo do que um resultado de uma leitura

verdadeiramente realizada. De certo modo, parece antecipar a proximidade do fim de uma relação estabelecida essencialmente através das múltiplas cartas, bilhetes e cartões.

A terceira carta do ano de 1982, datada de 4 de julho, assinala o final da correspondência encaminhada por Julieta de Godoy Ladeira a Dyonélio Machado, que viria a falecer em 1985. Nessa última carta, encontramos de significativo o juízo nada positivo da remetente a respeito dos críticos literários, pois eles

[...] sempre acreditam saber de tudo, ter o poder de dar notas aos escritores, não é verdade? Mas as obras-primas vivem e têm seu valor próprio a despeito e apesar deles.

A leitura das cartas e cartões de Julieta de Godoy Ladeira, revela que, como aponta Foucault, a correspondência caracteriza-se pelo fato de o autor da carta manifestar, simultaneamente, a si próprio e aos outros. É o que acontece com o conjunto de escritos enviados por Julieta de Godoy Ladeira a Dyonélio Machado: de um lado, mostra uma autora envolvida, talvez em demasia, com suas atividades como publicitária e com as questões (produção literária e doença) de Osman Lins, seu marido, aspectos que devem ter impactado sua própria produção literária, que não alcançou a repercussão obtida pelo livro de estreia; de outro, reforça uma imagem de Dyonélio Machado como uma pessoa recolhida, avessa à publicidade, como demonstra sua ausência na solenidade de entrega do Prêmio Jabuti, concedido a seu romance *Endiabrados*.

Por fim, o exame do conjunto de cartas, cartões e bilhetes enviados por Julieta de Godoy Ladeira a Dyonélio Machado permite a que cheguemos a outras conclusões, como as que seguem: em primeiro lugar, tais fontes revelam-se indispensáveis para que tenhamos acesso ao pensamento e ao modo como determinados escritores refletem/refletiram sobre a literatura e a vida literária como um todo, elementos que permaneceriam desconhecidos não fosse a correspondência constante de seus acervos; em segundo lugar, revelam que um escritor como Dyonélio Machado, cuja vida transcorreu praticamente em Porto Alegre, conseguiu estabelecer vínculos com personagens importantes da cena literária brasileira, como é o caso de Osman Lins; a consulta a tais itens constantes dos acervos de escritores revela-nos, igualmente, as preocupações que os acompanham ao longo de sua carreira literária, como é o caso do processo de edição de seus livros, os problemas com as traduções de suas obras, a importância que conferem aos prêmios literários, a avaliação realizada por parte da crítica literária, entre outras questões de menor importância. Nessa perspectiva, os acervos de escritores e intelectuais constituem fontes valiosas para os pesquisadores, notadamente para aqueles cuja preocupação se estende para além do estrito exame do texto literário, atingindo também os múltiplos aspectos que caracterizam o universo da vida literária como um todo.

Referências

COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002.

DELFO – Espaço de Documentação e Memória Cultural da PUCRS. Disponível em: www.pucrs.br/delfos. Acesso em: 19 abr. 2020.

FOUCAULT, Michel. *O que é um autor?* Trad. António Fernando Cascais; Eduardo Cordeiro. Lisboa: Veja Passagens, 2006.

IEB/USP – Instituto de Estudos brasileiros. Disponível em: www.ieb.usp.br. Acesso em: 19 abr. 2020.

MOISÉS, Massaud; PAES, José Paulo. *Pequeno dicionário de literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

Recebido em: 11 maio 2020.

Aprovado em: 21 maio 2020.